

Reunião com credores: impasse

Reunião dos negociadores brasileiros dura sete horas e termina sem solução. Uma nova

reunião é marcada para o dia 2 de outubro. A proposta brasileira não agrada os banqueiros

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Na sétima hora da primeira reunião entre o Brasil e o comitê de seus bancos credores, ontem, em Washington, “as negociações ainda não podiam começar”, e muitas divergências dividiam os negociadores, num ambiente de grande tensão.

“O plano apresentado pelo Brasil — divulgado após a reunião — não respondia a questões importantes. Foi considerado incompleto”, disse uma fonte de dentro da reunião, sem querer entrar em detalhes. Um novo encontro foi marcado para o dia 2 de outubro.

O impasse inicial, que prolongou a reunião que deveria durar apenas “umas duas horas”, segundo a previsão de credores e devedores, foi também confirmado por uma outra fonte, que se retirou mais cedo. Ela declarou, enquanto fugia do repórter, que “está havendo muita discussão”, que ainda não se passou do estágio de apresentação do plano, que era até então considerado “flexível” e “adaptável a sugestões” pelos otimistas negociadores brasileiros. Só que este plano não foi revelado oficialmente para a imprensa nem uma única vez, ao contrário dos anteriores. E vários diferentes planos chegaram a diversos repórteres. O que se contava dele, entre pessoas diretamente envolvidas em sua apresentação, é que era, de fato, uma versão do plano original, rejeitado como *non-starter*, ou sem futuro, pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, no começo deste mês.

Um dos brasileiros disse à imprensa, entrando para a reunião com o comitê que representa os 600 bancos credores, às 14h05, que “viemos só assinar o acordo”, como se estivesse tudo já discutido e aprovado. Mas ele não reapareceu nas sete horas seguintes. Muitos repórteres ficaram esperando no saguão da Associação de Bancos para o Comércio Exterior, num prédio que pertence à *National Geographic Society*, no centro de Washington. Ficavam olhando para a abóbada que reproduz um céu de 1818, ou nos telefones, ou de plantão ansioso diante dos elevadores, protegidos por guardas de segurança contra qualquer invasão. O porta-voz dos bancos credores, Dick Howe, que também tinha prometido descer do sétimo andar para fazer um relato à imprensa, em duas horas, preferiu adiar o encontro, revelando uma possível crise.

Mas o plano de renegociação da dívida que começou a ser discutido ontem, o primeiro que o ministro Bresser Pereira apresenta ao comitê dos bancos credores, tem um importante e declarado defensor: Henry Kissinger, o ex-secretário de Estado norte-americano. Indo para seu Mercedes prateado, parado diante do *Council on Foreign Relations*, na rua 68 com Park Avenue, em Nova York, Kissinger foi cercado por alguns repórteres. Os seus dois agentes de segurança, segurando as portas do carro abertas, ficaram esperando, atentos. Mas ele sorriu e aceitou as perguntas.

Ouviru falar do plano? Kissinger disse que sim. Na verdade, aquela hora, por volta de 9h30 da manhã, era um dos poucos estrangeiros a conhecê-lo. Teria se encontrado com o ministro Bresser Pereira a sós, depois do café da manhã compartilhado com dezenas de banqueiros e empresários. À audiência, numa palestra, o plano foi apenas esboçado, e seus princípios gerais, conhecidos, mais uma vez explicados.

“Leiam amanhã (hoje) nos jornais”, teria dito o ministro Bresser Pereira a seus ouvintes, segundo um deles, ao sair.

O banqueiro David Rockefeller, já antes de conhecer o rascunho, e entrando para o café da manhã no *Council on Foreign Relations*, mostrava-se animado com o Brasil: “Os brasileiros sempre conseguem solucionar seus problemas na última hora”.

Mas Henry Kissinger, que ficou 45 minutos com o ministro Bresser Pereira, mostrou-se “bem impressionado”. Mas como não queria falar de seu conteúdo, perguntaram a ele:

— Como os banqueiros deverão reagir ao plano?

Kissinger ficou pensando e deu uma outra resposta:

— Não serão negociações curtas...

Para Kissinger, “o Brasil é um país rico” que “não vai deixar de cumprir suas obrigações”. O que mais o teria impressionado, como também disse, foi a preocupação de que seja obtido “um acordo duradouro” que evite as frequentes renegociações. “O que eles (os negociadores brasileiros que já chegavam à rua) têm a fazer é muito importante”, foi concluindo Kissinger, caminhando para o carro. “Vão ter que tratar agora dos aspectos técnicos.”

Os brasileiros — o ministro Bresser Pereira, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e o nego-



AFP

Bresser: divergências e tensão

ciador Fernão Bracher — ficaram na calçada se despedindo, e quando iam separar-se em dois carros, Bresser lembrou-se de algo e os convocou para uma minireunião, mas sem a imprensa. Forma para um lado e para outro, até que Francisco Baker, o assessor de imprensa, os levou para dentro do *Council on Foreign Relations*, onde a imprensa era repelida com estupidez.

Reapareceram dez minutos depois e o ministro Bresser Pereira ficou na calçada recontando os princípios de seu plano — não ao FMI, não ao spread, não a um acordo provisório, não a um pagamento simbólico que rompa a moratória antes da

conclusão de um acordo — a um canal de tevê americano. Quando acabou, onde estava o seu carro?

Não estava: por engano seus assessores o levaram, e ele ficou a pé, procurando um táxi. Ia para uma visita ao *Wall Street Journal* e depois para um almoço não revelado, mas que não seria com nenhum banqueiro. Sua própria agenda registrava, para este encontro, um “reservado”.

Um táxi parou logo — um daqueles velhos e sujos — e o ministro Bresser Pereira o tomou, interrompendo o comentário — “a história é ótima, muito boa...” — sobre a peça que viu na Broadway, anteontem à noite, “Os Miseráveis”.